

O ensino da metodologia com filmes policiais

Marcílio Rocha Ramos*

*Melhor é estar errado e ser fértil
do que estar certo e ser estéril*
Mário Faustino, poeta

Resumo

O desafio de se construir novas metodologias de ensino através de novos espaços de aprendizagem com as tecnologias da informação e da comunicação se impõe também para as disciplinas voltadas para a introdução à pesquisa. Este artigo visa debater novas formas de docência das disciplinas de metodologia nas graduações, relatando uma experiência numa faculdade particular de Pedagogia com a utilização de filmes policiais como referência e sensibilização para as práticas da pesquisa. A discussão se justifica diante das práticas focadas apenas em referências teóricas impressas e fundamentadas numa concepção tecnicista e disciplinar, que acabam gerando uma ojeriza à metodologia e por extensão à pesquisa. As atividades foram realizadas como pesquisa-ação e possibilitaram avaliar a fertilidade proporcionada pela experiência do cinema como objeto de *espelhamento* para definição de métodos, tratamento de fontes e aproximação com as teorias da metodologia da pesquisa.

Palavras-chave: Metodologia. Pesquisa. Espelhamento. Filmes policiais.

The teaching of methods using policial movies

Abstract

The challenge to build new methodologies of education through new areas of learning with the Information Technology and Communication is needed also for the disciplines about Introduction to Research. This article wants to discuss new ways of teaching methodology in the disciplines of the graduation courses, reporting an experiment in a private college of Pedagogy, in which was used exhibition of policial movies as reference and way of sensibilization for the practices of research. The discussion is justified once the researches practices are only focused on theoretical references and fundamented on a technicist e disciplinary concept, what turns to create an aversion to methodology and, by extension, to research. The activities were carried out as research-action and it gave the possibility to avaliate the fertility rate offered by the experience of the cinema as the object of mirroring for methods development, treatment of sources and approach with the theories of reserch methodoly.

Keywords: Methodology. Survey. Mirroring. Films police.

* Mestre em Educação, jornalista. Trabalha como professor na graduação e pós-graduação nos cursos de Comunicação e Educação em uma universidade de Salvador. Coordenador de Educomunicação - novas mídias na escola, na Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

Marcílio R. Ramos

Introdução

Este texto tem sua gênese a partir de experiências com a utilização de filmes policiais do seriado americano Crime Scene Investigation (CSI) nas atividades de construção de pesquisa como prática da docência de uma disciplina de introdução à metodologia. As primeiras experimentações foram realizadas com uma turma de Pedagogia que estava começando a vida na academia, no primeiro semestre, numa faculdade particular de Salvador.

A motivação para essas atividades ocorreu, no entanto, a partir de outra disciplina, o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – com alunos que já estavam no último ano da graduação e com quem também interagimos nas atividades de orientação. Durante um ano, foram desenvolvidos roteiros de pesquisa – e pesquisas – tendo como elementos de indução suas realidades imediatas e como um dos instrumentos metodológicos os filmes policiais daquele seriado americano.

Enquanto os alunos que estavam iniciando o curso de Pedagogia se apresentavam cheios de planos com as iniciativas dos professores sobre suas formações, os concludentes – em sua maioria – revelavam-se revoltados e ressentidos porque avaliavam que as disciplinas, em especial as de metodologias, “não serviram” para o desafio da pesquisa do TCC a que estavam “obrigados” a realizar.

Os alunos responsabilizavam os professores, a instituição, a falta de prática de pesquisa para justificar as dificuldades para realização do projeto de pesquisa, construção dos seus objetos e redação dos respectivos relatórios. Que fazer para não repetir as práticas que resultaram naquela caótica realidade? Uma das iniciativas foi juntar representantes das duas turmas (iniciantes e concludentes) para uma reflexão mais aprofundada sobre aprendizagem, pesquisa e metodologia.

Socialmente foi avaliado que, por trás das dificuldades de construção dos TCCs, existe todo um contexto de má-formação que não resulta apenas das *performances* entre professor-aluno-instituição, na faculdade – mas de um percurso formativo voltado para repetição, instrucionismo e despolitização dos processos educacionais.

Desse encontro, foi decidido a “radicalização” das práticas através de “outras técnicas” de ensino-aprendizagem, além da leitura dos conteúdos dos livros-textos de metodologia, buscando relacionar pesquisa com realidade imediata, partindo da seguinte hipótese: a superação dos problemas para realização da pesquisa deve ocorrer já nas atividades das disciplinas de iniciação à pesquisa, unificando teoria e prática.

Nosso debate então gerou em torno da seguinte questão: de que forma será possível praticar as disciplinas de introdução à pesquisa com a iniciação mesma da pesquisa na vida acadêmica dos alunos, superando as práticas conteudistas?

A abordagem dessa questão tem como novidade e desafio a introdução da mídia cinema na docência da disciplina. Um desafio, porque mesmo com todo discurso em torno da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas práticas curriculares, ainda não temos uma cultura de como fazê-lo. E também porque um filme policial, por mais fértil que sejam seus métodos, não tem a densidade de uma pesquisa científica. A experiência buscou atingir os seguintes objetivos:

- a. Utilizar filmes policiais como *espelhamento* para o entendimento das teorias e das práticas de pesquisa a partir dos métodos de investigação, das técnicas, do tratamento das fontes e das praxiologias dos sujeitos-investigadores na resolução dos problemas apresentados nos contextos de cada episódio;
- b. Despertar os alunos para a pesquisa, apresentando-a como descoberta, superação, movimentação em torno do conhecido e do desconhecido, buscando ao mesmo tempo desmistificar suas práticas com as próprias práticas dos filmes policiais, sempre ressaltando que é a pesquisa que produz efetivamente o conhecimento;
- c. Relacionar a prática da pesquisa com a formação (e a prática) de bons profissionais: a pesquisa para formar o professor reflexivo, cumprindo um procedimento justamente em sentido oposto ao ciclo de repetições das relações de ensino-aprendizagem. Ou seja, a pesquisa como formação e como o próprio método do ser-professor.

Com essa estratégia buscávamos também apresentar as práticas da pesquisa como *elo de união* dos conhecimentos disciplinares, atividade-síntese de abordagens interdisciplinar do conhecimento – a construção pela ação protagonista do(s) seu(s) autor(es), numa totalidade entre o ser e a realidade.

Admitimos como hipótese que se não forem tomadas providências metodológicas, visando a prática da pesquisa como um ritual da vida acadêmica, as exigências para produção de pesquisa – nelas inclusas as monografias dos TCCs, agora como uma exigência curricular – cairão no descrédito ainda maior, uma vez que os meios de comunicação estão a oferecer facilidades cada vez mais sedutoras para suprir dificuldades que os alunos não encontram sentido em superá-las.

O ensino da metodologia da pesquisa [sem pesquisa]

Normalmente, o ensino de metodologia tem a mesma prática do ensino das disciplinas em geral: é reduzido à instrução. Embora a disciplina seja

Marcílio R. Ramos

chamada de *metodologia da pesquisa* sua prática se enfada nas conceitualizações da ciência e nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), sendo que estas muitas vezes se tornam a própria disciplina.

Os livros com a literatura da metodologia que, teoricamente, dariam suporte aos alunos para a pesquisa, perdem sentido diante das práticas estéreis. Os professores repetem teoricamente as mesmas categorias desenvolvidas nos livros-textos de metodologia: são discursos sobre o valor da ciência, procedimentos metodológicos e técnicas. Os alunos são conduzidos para um labirinto de conceitos, dados, medidas, números.

Metodologia ganha o signo empobrecido de técnicas empobrecidas e descontextualizada da pesquisa, e a terminologia “pesquisa” apenas consta como um apêndice. Neste diapasão, os alunos não estabelecem conexão entre a teoria e a pesquisa e consomem a teoria como “clientes” do ensino, para um ritual de comprovações de exigências formais: provas, notas e aprovações.

Fazendo uma alegoria com a mitologia grega, ensejamos a seguinte ilustração com base no desafio de Teseu ao terrível monstro Minotauro para caracterizar este ensino: a pesquisa é o monstro que pode devorar o sujeito ou levá-lo à sua redenção; o discurso metodológico é o labirinto com interiores invisíveis, ritos, provas. O fio de Ariadne – que seria a utilização do conhecimento associado à prática – nele não aparece com clareza.

Então o desafio dos sujeitos-alunos no mundo contemporâneo é mais gigantesco que o de Teseu, uma vez que o discurso sobre a prática da pesquisa embrenha o saber em um labirinto de muitas entranhas e entradas, sem saídas aparentes, conduzindo-os para um encontro com a pesquisa como um monstro não menos misterioso –, sem o fio de Ariadne. O que é apaixonante e mobilizador, torna-se averso, angustiante, sem sentido.

Diante dessa realidade, quem realmente ousa enfrentar as veredas escarpadas que é a realização de uma pesquisa? Quem se arisca – como nos filmes policiais – a desvendar os seus mistérios, a correr seus riscos? Não é melhor recorrer às facilidades proporcionadas pelo ciberespaço, tendo o computador associado à internet como xérox *on-line* – o fio pós-moderno de Ariadne?

Por mais que esta realidade seja identificada – no plano do discurso – não está claro porque não se busca novas formas de superação das práticas disciplinares, uma vez que é quase consensual que o ensino não deve apenas voltar-se para a certificação. O ensino sem pesquisa não seria o objeto central da desmobilização?

Pesquisa e certificação

Barbier (2004) chama atenção para pesquisas voltadas tão somente para certificação dos sujeitos nos meios acadêmicos como uma postura mesma que afasta o sujeito do objeto, e esta seria uma das razões pela qual a pesquisa-ação é muito pouca utilizada como método nas academias, uma vez que este método exige uma radicalidade na ação: a construção de objetos entre os próprios sujeitos irmanados na pesquisa.

Barbier faz uma crítica à pesquisa tradicional, afirmando que o método clássico bloqueia a emergência do objeto na consciência dos atores: busca-se os objetos de pesquisa sem a interação com os problemas sociais, sem a participação com sua problemática, sem intenção protagonista. Por extensão, essa crítica se aplica à docência das próprias disciplinas de introdução à pesquisa.

As conseqüências são imediatas: a aversão à disciplina. E, por conclusão também imediata, a aversão à própria pesquisa. Averso à metodologia, averso à pesquisa, logo outro caminho se objetiva: a cópia. A cópia se explicita nos trabalhos acadêmicos como rituais de passagens das disciplinas e, de forma desabonadora, como rituais de conclusão de cursos de muitos TCCs.

Em termos mais amplos, a cópia está confluindo para uma indústria devido às facilidades de reprodução. Outra reprodução, a reprodução social desta práxis – e aqui a referência especial é para formação de professores – não deixa de ser menos dramática, posto que é dramático professores desmobilizados, copistas. Nessas condições, logo se tornam também alimentadores e reprodutores do conservadorismo.

Naturalmente, toda essa realidade não está por conta da docência de uma disciplina, de métodos e técnicas. Se assim o fosse, o problema seria resolvido como numa função matemática, bastando trabalhar com a variável *disfunção docente*. Mas, não. Como denuncia Milton Santos (2000), uma das produções mais significativas dos grandes gestores do comércio mundial é a tentativa de clonagem dos espíritos através de um engenho midiático, cujo produto o geógrafo baiano chama de *emburrecimento coletivo*.

Este também é uma agência na atual sociedade, mal dita “sociedade do conhecimento.” Este contexto geral, no entanto, não desqualifica o questionamento sobre as escleroses pedagógicas – pelo contrário. Tampouco retira o motivo do questionamento do que reduz o ensino à esterilidade. Além do contexto pós-moderno da produção da despolitização dos sujeitos, há razões específicas que reproduzem os descaminhos do ensino-instrução que os alunos tão bem traduzem na síntese *disciplina-decoreba*.

Partimos do pressuposto que as práticas pedagógicas com a metodologia da pesquisa não são consensuais. O que predomina é uma postu-

Marcílio R. Ramos

ra conservadora, alimentada por um *habitus* tecnicista e, ao mesmo tempo, elitista e autoritário, na qual o discurso e suas normas são concebidos como elemento principal da *razão pesquisar*, condenando os sujeitos ao fracasso já a partir das suas limitações no escrever.

No entanto, concebemos também que muitos professores buscam formas de transformá-la tanto por iniciativas pessoais, partindo de uma autocrítica docente, quanto pela pressão exercida pelos alunos, razão porque existe um campo fértil para discussão da sua problemática a partir de experimentações de novas práticas e didáticas, dentro de uma perspectiva de guerra de guerrilhas nas artérias do currículo, que Guatarri (1987) de forma mais ampla chama de “revolução molecular”.

Nesse caso, as “moléculas” é a formação de professores reflexivos, pesquisadores.

A pesquisa-ação com o cinema

A introdução de um novo elemento de aprendizagem com o desafio de fazer o novo e, ao mesmo tempo, avaliar as produções como fonte de conhecimento e ação, nos conduziu para os recursos metodológicos da pesquisa-ação. Para Barbier (2004) e Thiollent (2004), este método implica a socialização de atividades através das quais os objetivos e objetos de pesquisa são socialmente construídos.

O advento das tecnologias da informação e da comunicação ofereceram um campo fértil à pesquisa-ação por proporcionarem condições reais de ações além das simulações. Thiollent (2004, p. 86) afirma que “a pesquisa-ação tem sido pensada como instrumento adaptado ao estudo, em situação real, das mudanças organizacionais que acompanham a introdução de novas tecnologias, principalmente baseada na informática”.

Como defende esse autor, as práticas com a pesquisa-ação oferecem condições para: a) implantar e assimilar novas técnicas informáticas; b) circular informação; c) realizar aprendizagem coletiva; d) organizar trabalhos em grupo; e) reunir competências variadas. Neste contexto aqui se incluem as práticas com cinema.

A utilização do cinema como instrumento didático e instrumento do próprio método do desenvolvimento da disciplina tem uma relação com a cultura contemporânea, com a sedução exercida pelas imagens, com o movimento como um dos principais fundamentos desta cultura profundamente mediada pelas tecnologias.

Os filmes, seus episódios, métodos e técnicas dos investigadores servem como *espelhamento* para referenciar os alunos. Os objetos de pesqui-

sa, no entanto, nascem do contexto dos alunos. Nesse sentido, são formulados conforme as proposições da pesquisa-ação, apresentadas por Barbier (2004):

- a) *Formulação do problema*: não há uma formulação *a priori* de hipóteses e preocupações teóricas, nem de traduzi-las em conceitos operativos suscetíveis de serem medidos por instrumento padronizados (questionários, testes). O problema nasce num contexto preciso de um grupo em crise para tomada de solução;
- b) *Coleta de dados*: os instrumentos são interativos e implicados (discussões de grupo, desempenho de papéis, conversas aprofundadas), compartilhamento das dificuldades, aprendizagem enquanto coleta de informações;
- c) *Avaliação e qualidade dos dados*: as informações são transmitidas a todos, a fim de conhecerem a realidade e de orientá-los de modo a permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados;
- d) *Análise e interpretação*: estas são produtos de discussão de grupos, com uma linguagem acessível. Os grupos participantes relatam suas experiências, problemas, limitações e fazem suas sínteses para tomada de decisões.

Com efeito, como afirma Barbier (2004, p. 53), “a pesquisa-ação está mais interessada no conhecimento prático que no conhecimento teórico” posto que não se dissocia “a produção de conhecimento dos esforços feitos para levar à mudança” e isto “impõe manter temas dos trabalhos de pesquisa que sejam do interesse deles” (alunos).

O CSI: o seriado como instrumento de pesquisa

Nos episódios do CSI, uma equipe de detetives usa equipamento científico e técnicas avançadas para resolver os mais intrincados mistérios, utilizando normalmente recursos da medicina, química, física, arquitetura, fotografia, vídeo. A pesquisa é feita em equipe. As habilidades individuais dos investigadores concorrem para as descobertas coletivas. A opção pelo seriado americano CSI foi motivada por três razões consideradas significativas para as práticas com a disciplina:

- O *tempo*: Uma das dificuldades para implantação do cinema como atividade didática em sala de aula é justamente o tempo de decorrência dos filmes, que têm duração em torno de 120 minutos – bem diferente do seriado CSI que têm, em média, apenas 45 minutos (tempo de uma aula). O tempo tem uma relação também com os próprios investigadores. Os casos são rapidamente elucidados pela qualidade dos investigadores, a diversidade de métodos e as condições de trabalho;

- A valorização do *conhecimento científico*: a CSI é uma polícia digamos “cinematográfica,” cujos agentes são dotados de uma multiplicidade de competências e suportes técnicos e recursos humanos que lhes proporcionam uma diversidade de métodos nas investigações. Normalmente, a elucidação dos episódios ocorre com o suporte de métodos e recursos provenientes da medicina, da fotografia, da química, da física e das tecnologias da informação e da comunicação.

- *Interesse dos alunos*: o seriado – que é transmitido por um canal de TV cujo público-alvo se encontra nas classes C e D – faz grande sucesso justamente com os alunos da sala de aula. A inteligência dos investigadores, a sagacidade na resolução dos problemas de pesquisa e as surpresas sempre presentes nos desfechos dos episódios são elementos que cativam sua grande audiência. A turma era composta de 38 alunos, a maioria negra, todos provenientes de escolas públicas, com uma média de idade de 30 anos, sendo que entre estes participavam duas senhoras com mais de 50 anos.

Cinema e as terminologias da pesquisa

No primeiro momento, os filmes são exibidos para apreciação da sua história: roteiro, argumentos, problemas e soluções encontradas pelos policiais. Diversos episódios oferecem uma diversidade de situações-problemas que posteriormente vão contribuir para os *espelhamentos* e tomadas de atitudes na pesquisa. As duplas e/ou equipes de pesquisa – todas com um objeto em mente que surgiram a partir de suas vivências – fazem anotações sobre personagens, fontes, competências dos policiais.

No segundo momento, já ocorre uma decupagem dos elementos do filme para avaliação dos argumentos, cenas e reflexão epistemológica – em torno das categorias, problema, métodos e técnicas de investigação, tratamento das fontes, síntese e solução do problema para tomada de decisão – um dos aspectos mais ressaltados com os alunos.

No contexto das discussões sobre os episódios dos filmes é que são relacionados os textos e conteúdos da literatura da metodologia. A teoria “entra em ação” e ganha sentido porque seus conceitos são “visualizados” nos episódios.

As análises se tornam o primeiro *espelhamento* sobre as teorias da metodologia da pesquisa para as práticas empíricas. Nas interseções das análises, se explicitam os tipos de pesquisa: a pesquisa exploratória (análise preliminar das fontes, entrevistas, relatórios); b) a pesquisa experimental (utilização das técnicas para recompor situações) e c) a tomada de decisão a partir do conhecimento proveniente das pesquisas.

A decupagem dos filmes proporciona uma visão segmentada dentro da totalidade dos episódios, através das quais se relacionam a teoria metodológica e o fazer empírico. A partir desses momentos, os alunos passam a perceber a *necessidade* do conhecimento teórico para as ações empíricas. As indicações e referências bibliográficas deixam de ser uma *obrigação* e tornam-se instrumento de trabalho para realização dos roteiros e ações de pesquisa.

Os elementos das análises estão sistematizados no quadro a seguir.

Elementos das análises: relação cinema e literatura da metodologia

Elementos da pesquisa	Elementos das teorias na metodologia da pesquisa	Revelação no filme (relação teoria-prática)
Contexto	Totalidade concreta. Um todo estruturado em curso de desenvolvimento e de auto-criação.	Espaços sociais do enredo e conjunto dos fatos protagonizados no ambiente cinematográfico.
Problema	Questão central da práxis da pesquisa que exige uma ação significativa de pesquisa empírica.	Desafio dos policiais: identificação dos contraventores; decisões a serem tomadas.
Hipóteses	Afirmações preliminares como uma resposta momentânea ao problema.	Suspeitas que orientam as investigações.
Metodologia	Modo de conduzir a pesquisa, ideologia do pesquisador.	Qualidade e postura profissional dos policiais (uso das tecnologias).
Métodos	Conjunto de decisões e opções particulares realizados ao longo do processo de investigação.	Instrumentos de investigação: fotografia, entrevista, escuta, análise de materiais e do discurso.
Empíria	Práxis da pesquisa para coleta e análise de dados.	Investigação, análise das fontes, testes, confrontação de informação.

O planejamento das ações: o projeto como roteiro “cinematográfico”

Seguindo a linguagem cinematográfica, o projeto de pesquisa é realizado como um roteiro de um filme com a projeção dos argumentos, definição dos locais de “cenas”, personagens, fontes principais e secundárias e uma sé-

Marcílio R. Ramos

rie de questões e hipóteses em torno do problema. Um dos roteiros é realizado com a participação de toda a sala a partir de uma temática considerada pelos alunos como a mais interessante.

Discutem-se locações, personagens, conflitos, *mistérios*, formas de investigação para se encontrar as descobertas. O roteiro socializado em sala serve para o *espelhamento* (não fórmula) dos demais roteiros das equipes. Os temas da pesquisa surgem da realidade vivida pelos alunos em suas comunidades e se socializam em discussão em sala de aula relacionando problemas pessoais a questões sociais, pesquisa a tomada de atitude.

Realizado os roteiros, são discutidos em sala de aula seus possíveis desdobramentos, percalços, contradições e problemas geralmente relacionadas à coleta de informações. Então se discutem os instrumentos desta coleta: a entrevista, a fotografia, a escuta sensível, testes, projeções.

Através de fotos, textos e narração oral, os alunos descrevem o *campo de pesquisa*, apresentam os locais das atividades, as fontes, os personagens, os possíveis desdobramentos e dificuldades.

Pesquisa: paradoxos entre intencionalidade e realidade

Todas as equipes de pesquisa apresentaram seus roteiros-projetos e os respectivos resultados com altos e baixos rendimentos, mas com grande satisfação. Entre as dificuldades, uma das maiores está na formalização do relatório. Dentre as pesquisas realizadas, destacamos três para reflexão coletiva com a turma por uma série de razões que consideramos muito significativas.

A primeira razão está voltada para o tempo. Não houve tempo hábil para avaliar em sala todos os relatórios. A segunda razão diz respeito mesmo à qualidade dos relatórios. As três pesquisas estão voltadas para resolver problemas deles mesmos, implicados em suas lides imediatas e que conseguiram resultados razoáveis:

1) *Perda de fiéis da igreja*: o pastor da igreja evangélica estava enfrentando um problema de perda de fiéis cujo *mistério* ele não conseguia identificar (esta temática foi desenvolvida porque uma das componentes era esposa de um pastor). Por sugestão do próprio marido, ela buscou na disciplina uma referência para resolver o problema;

2) *Aconselhamento de casais*: duas conselheiras não conseguiam dar conta de todos os problemas relatados pelos casais e, na hora do aconselhamento, elas “se perdiam” e não relacionavam o problema com o casal, razão porque sugeriram desenvolver um método para realizar a contento suas ações (equipe formada por duas irmãs conselheiras de uma igreja evangélica);

3) *Redução da quantidade de xérox durante o curso.* Ao começar as aulas, os alunos logo perceberam que teriam um grande custo devido à quantidade de xérox de textos das disciplinas exigidos pelos professores (uma das componentes já havia feito uma projeção de gastos por semestre com reprodução de textos didáticos).

Os demais trabalhos, entre os quais os das equipes que procuravam identificar porque os alunos do TCC não conseguiam redigir seus objetos de pesquisa, mesmo após realizarem as atividades empíricas, também foram bem encaminhados. No entanto, como os alunos concludentes estavam muito estressados, eles tiveram dificuldades para obter informações e concluir seus relatórios.

Houve também outros problemas que não se pode omitir: desencontro e desentendimentos entre os componentes das equipes, falta de tempo, acúmulo das atividades disciplinares, dificuldades de acompanhamento do professor, limitações técnico-pessoais dos alunos e da instituição, e uma total desarticulação entre os professores e suas respectivas disciplinas.

Os alunos, no entanto, conseguiram articular, embora com muitos percalços, a empiria com a teoria, indo às fontes, fazendo anotações, diários, ouvindo os protagonistas do objeto e tentando sintetizar as comunicações mais representativas para seus objetos. O relato das três pesquisas vem a seguir na síntese imposta pelos espaços deste artigo.

O mistério da perda dos fiéis

Através de uma pesquisa participante, uma senhora e sua filha – ambas alunas da disciplina – descobriram um mistério que estava incomodando sua família: a perda de fiéis da sua igreja para outra igreja concorrente. Em sala de aula, a mãe havia pedido ao professor sigilo sobre este problema e orientação para resolvê-lo a partir de uma sugestão do seu marido, que era justamente o pastor da igreja.

O mistério (questão de pesquisa) que precisava ser elucidado era saber por qual(is) razão(ões) os fiéis estavam abandonando a igreja. A expectativa era de, ao descobri-la(s), “parar a sangria” e trazer de volta os que se evadiram, porque tanto o pastor quanto as pesquisadoras avaliavam não haver motivos aparentes para as perdas que estavam ocorrendo. O problema não era apenas religioso, uma vez que a renda do pastor está relacionada com a quantidade de fiéis.

Mas como evitar a evasão? Se não havia motivos aparentes, o que estaria acontecendo por trás das aparências? Elas não sabiam responder essas questões, queriam fazer a pesquisa, mas também não sabiam por onde começar. As idéias do método partiram de um dos filmes exibido em sala de

Marcílio R. Ramos

aula sobre o desaparecimento de um personagem. A dupla voltou a ver o filme para *espelhar* um procedimento.

Os procedimentos metodológicos foram os seguintes: observação dos cultos nas duas igrejas, escuta sensível dos fiéis e entrevistas com alguns deles após as escutas. Como mãe e filhas eram muito conhecidas pela clientela das duas igrejas, as pesquisadoras tiveram que buscar apoio com amigas para realizar as investigações, buscando um entendimento dentro de um limite da objetividade.

Nesse sentido, as conversas-entrevistas com os fiéis buscavam informações com os que permaneceram na igreja, indagando sobre a igreja, o pastor, as instalações e suas motivações e os que se evadiram, procurando identificar suas razões e como estavam se sentindo com o novo pastor. As investigações chegaram a uma conclusão surpreendente revelada somente após as práticas com a escuta dos fiéis e acompanhamento dos cultos.

Embora os fiéis gostassem da igreja e do seu pastor, estavam se afastando porque temiam uma “onda de estupros” que estaria ocorrendo nas imediações. Ocorre que a “onda” estava sendo disseminada pelo próprio pastor da igreja concorrente. Como realmente a igreja se localiza em um lugar com muito pouca iluminação e próximo a uma favela, logo a “notícia” se espalhou.

Descoberto o “mistério”, o problema passou a ser as formas de tomada de decisão. Como fazê-lo sem levantar mais suspeitas e, ao mesmo tempo, evitando uma acirrada discussão com o pastor concorrente? Com o resultado da pesquisa, a dupla passou a refletir sobre quais seriam as tomadas de decisão ainda como atividade didática.

Diante do fato de que realmente existia um potencial de violência naquela periferia, os pesquisadores e o professor chegaram à conclusão que não bastava denunciar a farsa dos estupros: seria necessário, além da informação que tais estupros não estavam ocorrendo, pedir a intervenção dos poderes públicos para realizar iluminação das ruas e aumentar a ronda policial próximo à igreja.

Aconselhamento dos casais com recursos matemáticos

A utilização das tecnologias pelos investigadores CSI como estratégia metodológica inspirou outra dupla para solução de um problema que estavam tendo como conselheiras de casais. Elas haviam criado um instrumento de codificação das informações através de uma ficha, na qual relatavam as aflições dos seus irmãos de fé em crise para depois voltar às fichas, revendo seus escritos para refletir sobre eles e apresentar aconselhamento nos encontros.

Ocorre que as fichas foram aumentando numa proporção muito acelerada ao ponto que as duas conselheiras – com idade já avançada – perdiam

freqüentemente o controle sobre os problemas para os quais elas estavam designadas pelo corpo diretor da igreja para buscar solução. Mesmo contando com a ajuda divina, elas afirmavam que não estavam dando conta das suas tarefas e mostravam-se muito interessadas em utilizar “uma metodologia” para resolvê-las.

Depois de uma reflexão sobre a problemática, elas chegaram à conclusão que seu problema de pesquisa era como sistematizar qualitativamente as entrevistas para não se perderem nas quantidades das informações com que estavam lidando. O “mistério” para elas era saber se, realmente, ao realizar aquela organização teriam novos meios para encarar os problemas.

A equipe foi orientada a realizar a organização de dados por categorias – o que lhes causou um interesse imediato em saber o que é categoria de pesquisa e entender as relações entre informações quantitativas e qualitativas. Como perceberam que poderiam organizar as informações através de planilhas no Excel, elas mesmas trataram de negociar com a professora de educação e tecnologia para operacionalizar os conteúdos desta disciplina com os elementos da pesquisa: fazer fichamento eletrônico por categoria, criar planilhas com as informações, realizar gráficos e refletir sobre as quantidades organizadas.

O procedimento de matematizar as informações lhes ofereceu uma visão da totalidade das realidades sobre as quais tinham de refletir e aconselhar. A dupla logo percebeu que não havia uma quantidade tão diversa de problemas, mas uma forma desorganizada de codificá-los. Esse conhecimento contribuiu para elas mudarem seus procedimentos de aconselhamento, passando a fazê-lo com base nas categorias de problemas, o que veio a dar mais substância às reuniões individuais e coletivas que realizavam como conselheiras.

A superação da indústria da xérox nos cursos de graduação

O desafio de substituir ou reduzir as cópias de xérox na graduação da turma mobilizou uma equipe para buscar como fazê-lo durante o curso. Os alunos estavam surpresos com a quantidade de textos que os professores estavam pedindo em cada disciplina. Os próprios professores não vislumbravam outra forma devido à diversidade de textos para serem lidos e até se mostraram arredios com o questionamento dos alunos.

Ao fazer um levantamento sobre a temática, a equipe percebeu que existia uma polêmica muito grande sobre o direito de autoria e a reprodução de textos nas faculdades, com as editoras procurando inibir o xérox por força de lei. Perceberam que o local que faz a cópia é uma empresa muitas vezes informal, com boas margens de lucros e que quase sempre existe uma relação pessoal entre a empresa da cópia e os diretores das faculdades.

Uma das primeiras “soluções” foi realizar um levantamento dos valores de cópias na cidade, o que levou a equipe a descobrir que suas cópias eram

Marcílio R. Ramos

bem mais caras. No entanto, a economia de fazê-las em outro lugar se tornava irrisória devido aos deslocamentos e a distância. Buscaram, então, respostas nas próprias empresas de xérox, nas quais seus gerentes apresentavam “soluções” voltadas para “otimização da produção” e “redução de custos” com aumento dos produtos, ou seja, com mais xérox...

Assim como os professores e os diretores das faculdades, os donos e gerentes de xérox justificavam também que não “havia outra solução” para aquele problema, tanto que em todas as instituições – públicas e privadas – as copiadoras estavam lá para atender aos alunos e professores por uma necessidade didática. Esse fato era apresentado como a *comprovação* da sua necessidade, um modo de ser da realidade.

Diante desses fatos, a equipe entrou num impasse. Este seria mesmo um problema sem solução? Um “crime” sem castigo como raramente ocorre nos filmes policiais e como normalmente ocorre na realidade? Justamente os alunos que se mostravam mais desmobilizados na equipe achavam que *sim*, que “não havia jeito mesmo”. Como essa postura acabou prevalecendo dentro da equipe, houve uma desmobilização em busca da solução.

Então tomamos a iniciativa de participar diretamente nas buscas da pesquisa, discutindo a hipótese de resolver este problema não no plano da própria cópia xérox, mas através das tecnologias da informação e da comunicação. Com isso, buscamos encontrar na internet os textos indicados pelos professores, mas somente alguns estavam disponibilizados, o que inviabilizou este caminho.

Quando a equipe já se mobilizava para mudar de tema, diante das dificuldades em encontrar uma solução, uma colega da sala que tinha mais habilidade com a informática, ao presenciar o impasse, apresentou a sugestão de escanear os textos, digitalizá-los e distribuí-los em *e-mail* para a turma e disponibilizá-los também na internet. Seria essa solução a resolução do problema? Este seria operativo? Como aferi-lo?

A equipe foi orientada a fazer um exercício de escaneamento de textos para testar a idéia. Fizeram uma tabulação para encontrar o tempo da produção em textos de 10, 20 e 30 páginas. Devido à falta de prática, os escaneamentos demoravam bastante. Outro problema logo veio à discussão: o que fazer com quem não tem computador em casa? Onde poderia ler os textos digitalizados? E quem prefere ler no papel?

Essas questões induziram outra pesquisa sobre quem tem ou não computador em casa, quais as formas e preferências de leitura. No caso da opção de textos digitalizados, quem abandonaria as cópias de xérox. A equipe concluiu que somente duas alunas não tinham como ler os textos – embora a maioria não tivesse computador em casa. Quase 90% afirmaram que abandona-

riam a realização de cópia caso a idéia da digitalização fosse implementada. (Uma surpresa também para o professor).

No relatório da pesquisa, a equipe sugeriu que, assim como existe um espaço dedicado às cópias de xérox, a faculdade poderia também dedicar um espaço para digitalização dos textos. A equipe demonstrou, através de operações matemáticas, que os custos com a digitalização e gravação representariam somente 30% em relação aos custos com cópia, mesmo que a instituição tivesse que pagar um profissional para fazê-lo. As sugestões foram apresentadas à faculdade, estabelecendo um impasse entre manter a copiadora e tomar uma decisão muito menos dispendiosa. A faculdade não aceitou as proposições dos alunos.

A objetividade dos paradoxos

Embora todos se mobilizassem para assistir aos filmes, realizar questões e imaginar objetos de investigação ocorre um empecilho dramático na sistematização de informações, na análise de dados, na captação dos discursos coletivos para generalização. Há uma facilidade para narrar e uma barreira quase intransponível para descrever e analisar.

Após a empiria, os alunos *caem na real* do “como escrever”, “como apresentar”. Estes sem dúvida são os maiores problemas para construção dos relatórios impressos. Mas ocorrem outros problemas tão intensos quanto as dificuldades formais na produção de textos: a falta de tempo dos alunos e professores, a desconexão entre as disciplinas, os limites técnicos das faculdades, os problemas financeiros e pessoais dos alunos, o medo e a aversão às mudanças por parte dos professores.

Todos os relatórios – incluindo os três que foram destacados – revelavam uma ingenuidade na forma de abordagem dos fatos e continham também o paradoxo de, ao mesmo tempo, apresentarem profundidade no que pretendiam fazer, ou seja, uma profundidade nas intenções e um vazio na exposição, o que denota um potencial de qualidade política (mobilização para participação) e uma carência de qualidade formal (dificuldade na exposição do pensamento).

Todos os relatórios tendem a sucumbir sobre as impressões primeiras. As equipes revelam dificuldades em seguir os passos planejados, na divisão das atividades e perdem o sentido da totalidade durante as atividades empíricas. A totalidade só se explicita de forma clara na exposição, ou seja, na teatralização que os alunos utilizam para se fazerem entendidos nas suas apresentações.

Os que tiveram melhor desempenho foram as equipes que mais procuraram mediação com o professor e trabalhavam com problemas de pesquisa que representavam um desafio imediato às suas vidas e urgia procurar respos-

Marcílio R. Ramos

tas para resolvê-los. Outra característica destes trabalhos é que surgiram de um roteiro claro, de um problema bem especificado e definido.

Duas equipes ficaram no meio do caminho – digamos assim. Não conseguiram fazer os relatórios. Não foram além da aplicação de um questionário. Essas equipes não estabeleceram espelhamento com os filmes e/ou a teoria, não conseguiram definir claramente os roteiros e revelaram também dificuldades em relatá-los para os colegas em sala de aula – um procedimento metodológico realizado antes da empiria. (Uma integrante dessas equipes não participou de nenhuma atividade porque quase não se fazia presente às aulas).

Havia também algo a mais em comum nos componentes das equipes: alguns mostravam uma maior preocupação com a certificação (nota) que com a utilização da pesquisa para tomada de decisão, mesmo sendo permanentemente alertados que o principal ritual de passagem da disciplina era a realização da pesquisa. Esses alunos, ao perceberem o final do semestre, passaram a insistir permanentemente sobre a nota e, principalmente, sobre seu valor. Os alunos mais implicados com a pesquisa, no entanto, tinham outra postura.

Contudo, houve efetivamente uma iniciação à pesquisa – e uma grande satisfação em realizá-la. Embora com todos os percalços relatados, podemos afirmar que:

- 1) As praxiologias da pesquisa envolveram de forma significativa a entrevista como forma de coleta de informação para utilização implicada entre sujeito e objeto. Os alunos passaram a entender a relação entre pesquisa e tempo; pesquisa e fontes; pesquisa e referencial. E isso ocorreu principalmente com as contribuições das pesquisas voltadas para entender os problemas dos alunos com o TCC. Eles perceberam que havia uma relação entre os alunos que não conseguem fazer o TCC com desconhecimento das teorias metodológicas da pesquisa, com o “pouco-caso” com o tempo, com a “vitimização” (auto-compadecimento) etc.
- 2) Houve uma busca para relacionar método e objeto, teoria e ação. Os métodos eram espelhados (inspirados) dos filmes. Também através dos filmes, produziu-se uma sensibilização para a utilização do cinema como “espelhamento” para investigação e motivação para a leitura de livros-textos de metodologia. Estas buscas mostraram que os métodos e procedimentos de pesquisa têm uma relatividade com os objetos, portanto o “espelhamento” não é uma função mecânica, mas uma inspiração para induções;
- 3) Os alunos passaram a perceber a importância de categorizar e matematizar as informações e utilizar as tecnologias como suporte para totalização e compreensão. A categorização de informações pas-

sou a ser uma preocupação geral dos alunos a partir das experiências de uma equipe e a utilização das tecnologias como uma fascinação, uma necessidade (aqui ocorre um problema: muitos alunos passam a justificar sua baixa *performance* na faculdade porque não dispõem de computadores em casa, uma justificativa inaceitável);

4) A pesquisa ganhou um sentido de obter informação para transformá-la em conhecimento para tomada de decisão. Os alunos passaram a perceber que a precipitação nas decisões pode causar prejuízos e novos problemas. Ou seja: não basta o senso comum, a impressão primeira. Em contrapartida, as decisões com base em pesquisa aumentam o horizonte para soluções dos problemas.

Um dado significativo também é que as práticas de pesquisa fizeram com que os alunos procurassem mais a biblioteca para locar livros de metodologia. No transcorrer da disciplina durante o semestre letivo, houve 25 empréstimos de livros-textos de metodologia. No semestre anterior, houve apenas quatro empréstimos, segundo dados oferecidos pela bibliotecária da faculdade. Esse índice não pode ser considerado para conclusões a respeito de leitura. No entanto, referenciam pelo menos uma busca pela teoria em torno da pesquisa.

Mesmo do ponto de vista formal em que revelam tantas dificuldades, os alunos passam a compreender que a pesquisa com método ganha uma nova significação; começam a visualizar a pesquisa e o questionamento com naturalidade diante dos problemas da realidade; ao apresentarem os relatos de pesquisa na sua totalidade, passam a perceber suas partes como elementos orgânicos e dinâmicos.

Nesse sentido, passam a compreender melhor a necessidade da formalização do discurso como instrumento de comunicação e organização pela própria necessidade de utilizá-lo. Uma compreensão que não se atinge quando o ensino das normas vem desvinculado da produção de relatórios.

Conclusão

Parece claro que os caminhos de sensibilização para a pesquisa não partem *a priori* da teoria (os discursos da metodologia) para a prática. O que se explicita é que os alunos, quando sob a exigência do fazer (concretude), conjugado com o pensar (abstração), começam a perceber que a teoria tem um valor operativo. As motivações para pesquisa estão na ordem direta da sua utilização no contexto da vida dos sujeitos e da mobilização para atividades empíricas e superação dos ciclos de repetições impostos pela rotina do ensino.

O discurso organizado da teoria não se apresenta como uma necessidade *antes* do aperreio da pesquisa. Sua significação nos parece ocorrer com a mobilização da pesquisa. Em quais momentos a teoria exerce o papel princi-

Marcílio R. Ramos

pal? Em que momento é secundário? Não tivemos como observar esta questão com a intensidade necessária, no tempo e espaço das atividades desta pesquisa-ação.

A resposta deste artigo está posta em outra questão – na iniciação mesma da pesquisa na vida acadêmica dos alunos já a partir das disciplinas introdutórias da metodologia, superando as práticas conteudísticas-tecnicistas, que os alunos identificam no plano das escleroses pedagógicas, chamando-a de disciplina *decoreba*. Há como superar essas escleroses mesmo sob condições profundamente adversas impostas pela disciplinaridade e os *habitus* dos professores.

As experiências com o cinema como referencial de pesquisa revelaram uma relação mais intensa de *espelhamento* com os episódios dos filmes que com os livros das teorias da metodologia. Os filmes contribuem para desmistificar o que seja pesquisa e referenciam para o pesquisar, sensibilizando os sujeitos sobre os métodos, induzindo ações investigativas, inspirando soluções e procedimentos de investigação e descobertas.

Diante da experiência realizada e da guerra de guerrilha necessária nas práticas curriculares para produção de conhecimento, nos arriscamos aqui a apresentar algumas sugestões para as disciplinas de introdução à pesquisa. O risco é evidente, mas ousamos desafiá-lo pelos relatos dos colegas professores, leitura metodológica, observação das práticas curriculares e, principalmente, pelo sofrimento observado junto aos alunos, quando estes são, como dizem, “obrigados” a pesquisar.

Nesse sentido, propomos:

- relacionar radicalmente teorias com pesquisa: o “radicalmente” implica ir além do discurso normalmente realizado dentro das instituições como discursos-*marketing*, jogo de cena, cinismo, o que se chamam de “discursos politicamente corretos”;
- suprimir as normas da ABNT como elemento central das disciplinas de metodologia: esta recomendação parece hilária e impertinente, mas a realidade mostra o quanto é substancial: diversas disciplinas de pesquisa tornam-se apenas torturas em torno de medidas;
- buscar com os alunos a discussão das pesquisas de forma oral – apresentação da metodologia, métodos, referências teóricas, justificando estas escolhas, colocando em discussão as justificativas: o tecnicismo despreza as qualidades políticas dos sujeitos; valoriza somente o discurso impresso, mesmo sabendo que existem diversas formas de comunicação e relato do conhecimento.
- buscar pesquisas que sirvam para contribuir; pesquisa com contexto social, pesquisas relacionadas com as vidas dos alunos, seus proble-

mas financeiros, educacionais. Temáticas não faltam. Felizmente (ou infelizmente) a vida está fértil de problemas reclamando pesquisa.

Só as práticas estéreis não percebem a fertilidade da vida.

Referências

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2004.

CSI: crime scene investigation. Direção de Richard J. Lewis. EUA. Produtora(s): **CBS Television**. Distribuição: PlayArte Rome Vídeo. 2000. 3 videocassetes (45 min), son., col. leg.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2002. (Polêmica do Nosso Tempo).

DELEUZE, G.; GATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo, Cortez: 2004.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Correspondência

Marcílio Rocha Ramos – Av. Oceanica, 3599 – Condomínio Vila das Flores – Ed. Jasmin, 204. Ondina - CEP 40170-010. Salvador, Bahia.

E-mail: marcilio.rocha@uol.com.br

Recebido em 10 de setembro de 2007

Aprovado em 07 de março de 2008

